

RELATO DE EXPERIÊNCIA OU *EXPERIÊNCIA DE CASO* NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Sthefany Beatriz de Souza – Discente
Doutor Christian Muleka Mwewa – Orientador
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul –UFMS

Resumo

Objetivo relatar parte da minha experiência ao longo do percurso no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (campus Três Lagoas). Como essa experiência encontra centralidade na minha participação no Programa Residência Pedagógica (PRP) do curso, a denomino de *experiência de caso*. Do ponto de vista metodológico o presente relato não se caracteriza como estudo de caso ou estudo autobiográfico por se distanciar das referidas metodologias. Transitamos entre a contextualização de um campo, o Programa Residência no curso de Pedagogia (CPTL/UFMS) e a especificidade subjetiva que se furta de fazer uma exegese do programa, pois trata-se de um recorte da realidade do sujeito. A *experiência de caso* se caracteriza por narrar, escrever e esquecer na primeira pessoa, a especificidade da minha experiência a partir das vivências que eu trazia comigo como mulher negra e trabalhadora. O relato se justifica por enfatizar a iniciação à docência no interior de um curso de licenciatura ampliando a atuação discente precoce no contexto formativo. Assim, para além da minha subjetividade, transito em estudos (referências) que tematizam o estágio, na sua dimensão da *práxis* (reflexão e ação), como componente do curso de licenciatura, feminismo negro (ou popular e interseccional) e estudos culturais. Concluo que, através das intervenções supervisionadas e realizadas com a turma do 2º ano do ensino fundamental na etapa de alfabetização, o PRP se caracteriza como fundamental para a formação de futuras professoras na perspectiva da *práxis*. A participação indica resultados assertivos no contexto da sala de aula mensuradas no envolvimento nas atividades pelo coletivo participante. Por meio da troca de experiências trazidas como sujeito, o coletivo modificou-se, também, com as vivências do PRP orientadas e supervisionadas.

Palavras-chave: *Experiência de caso*. Programa Residência Pedagógica. Curso de Pedagogia.

Prólogo ou apresentação

Ao relatar uma experiência é preciso assumir as nossas origens e bases subjetivas dentro de um sistema educacional que assegura a formação da maior parte da população. Esta formação pode ser tomada como sinal característico de países com altos níveis de desenvolvimento humano e qualidade de vida. No Brasil, apesar de a educação ser um direito garantido pela Constituição, finalizar a educação básica, obter uma formação profissional ou cursar o ensino superior ainda são objetivos que estão longe da realidade de uma grande parte das pessoas. E eu, como mulher negra, experienciei essas dificuldades.

Em meio a tantas barreiras para “acessar” o conhecimento, existem aqueles que aproveitam as raras e inesperadas oportunidades que surgem e conseguem transformar suas vidas. Segundo Grada Kilomba (2019) as mulheres negras são percebidas de uma forma ainda mais problemática. Elas não são reconhecidas como parte da humanidade, mas sim como "as outras das outras". Nesse contexto, a "outra" se refere apenas à mulher branca, enquanto as mulheres negras estão ainda mais à margem, sendo subjugadas e tratadas como subalternas.

Estudos sociológicos recentes estão focados na análise e entendimento da interseção entre variáveis como raça, gênero, sexo, geração e classe. Essa abordagem busca examinar como essas diferenças se articulam como marcas sociais na construção das desigualdades. Esse tema ganhou destaque a partir da Conferência de Durba (2001) quando surgiram questionamentos sobre a relação entre raça, gênero e pobreza, além de pautas sobre reparações, a discussão sobre o período de tráfico e colonização das nações africanas dentre outros temas. Segundo Castro (2011) se não considerássemos o gênero, diversas formas de racismo poderiam passar despercebidas. Além disso, as mulheres continuam a ser deixadas de lado nas políticas masculinistas de emancipação e nas lutas comunitárias contra o racismo.

O presente relatório vem trazendo relatos sobre minha trajetória acadêmica, sobre a experiência com o Programa residência pedagógica e mostrando a importância do programa em minha vida acadêmica, estado vivenciando a realidade da sala de aula enquanto discente e tratar a relação como mulher negra dentro da universidade. Conforme salientado por Stolcke (1991) a situação social das mulheres e as dinâmicas de gênero (incluindo também as relações raciais) não se restringem a uma simples sobreposição ou adição. Pode-se dizer que, “na verdade, as categorias de gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e sexualidade se entrelaçam de forma não hierárquica, sendo essencial articulá-las para uma compreensão mais profunda da complexidade social” (Lorde, 2018). Para Collins (2020), “uma perspectiva interseccional facilita a compreensão da interconexão da opressão, ou seja, as opressões vinculadas ao gênero, raça, sexualidade e classe se influenciam mutuamente” (p.17). Portanto, “o feminismo negro foi uma das primeiras correntes a reconhecer essa intersecção entre as diversas estruturas de dominação, o que representa uma de suas contribuições mais significativas”, conclui a autora. (Collins, 2020, p.46).

Ainda que as mulheres negras tenham alcançado muito, ainda há muito a ser feito. A principal bandeira de luta é o acesso e a permanência na Educação Superior. Trazer as

histórias das mulheres negras é importante para as mulheres negras e para outras pessoas que já sofreram ou sofrem discriminação no ambiente escolar por motivos étnicos, raciais, de gênero, sociais ou quaisquer outros motivos. Mesmo em ambientes e circunstâncias difíceis, as narrativas das pessoas podem ser alteradas.

Sara Ahmed (2012, p.12), em sua pesquisa acerca da diversidade e inclusão nas instituições de ensino superior na Austrália e no Reino Unido, identificou o conceito de “experiência do estrangeiro” (tradução da autora). Essa experiência refere-se à situação em que um indivíduo se destaca entre os demais, de forma que sua presença provoca estranhamento, sendo seu corpo percebido como dissidente. Segundo Ahmed, essa vivência pode nos ensinar sobre quais corpos se sentem acolhidos nessas instituições, como esses corpos podem se expandir aos espaços, moldando contornos de áreas habitáveis, e de que maneira os espaços podem atuar como extensões dos corpos. Dessa forma, indivíduos que divergem da norma hegemônica sentem como se estivessem ocupando um espaço que não lhes foi destinado – e realmente não foi.

É possível afirmar que a universidade é marcada pela branquitude, com base na definição de branquitude proposta por Schucmann (2012, p.1): “A branquitude é entendida aqui como uma construção sócio-histórica produzida pela ideia falaciosa de superioridade racial branca, e que resulta, nas sociedades estruturadas pelo racismo, em uma posição em que os sujeitos identificados como brancos adquirem privilégios simbólicos e materiais em relação aos não brancos”.

A predominância da branquitude nas instituições de ensino superior é tão naturalizada que se torna invisível e passa despercebida, mas apenas para aqueles que estão inseridos nesse ambiente ou que, devido à familiaridade, aprendem a ignorá-la. Esse aprendizado de ignorar essa realidade funciona, também, como um mecanismo de sobrevivência que percebi em campo, já que viver constantemente com a sensação de ser um corpo que não se encaixa pode ser uma experiência devastadora.

Como resultado de uma sociedade machista e um racismo estrutural, o ingresso e a permanência de mulheres negras têm sido desafiadores. Isso significa que, embora tenho passado por momentos desagradáveis na formação, continuei a lutar, resistir e acreditar que a educação é parte fundamental para construir sociedades com vistas à equidade. Assim, passo a relatar a minha experiência de caso no Programa Residência Pedagógica do curso de Licenciatura de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus Três Lagoas.

Introdução

Denominei *experiência de caso*, pois parti da minha experiência para participar de um programa específico que, por sua vez, gerou outras experiências. Portanto, centrei, especificamente, na atividade supervisionada em que intervi como caso. Do ponto de vista metodológico o presente relato não se caracteriza como estudo de caso (*cf.* Gil, [1991] 2010) ou estudo autobiográfico (*cf.* Bueno, 2002) por se distanciar das referidas metodologias, mas de certa forma incorporá-las como relato. Transitei entre a contextualização de um campo (o Programa Residência no curso de Pedagogia (CPTL/UFMS) e a especificidade da minha participação como sujeito que se furta de fazer uma exegese do programa, pois trata-se de um recorte da realidade (caso). A *experiência de caso* se caracteriza por narrar, na primeira pessoa, caso específico que ampliou a minha experiência a partir das experiências que eu trazia comigo como mulher negra e isso não se aplica a todas as participantes do programa. Aqui reside a especificidade da *experiência de caso*.

Este relato, visa refletir minha trajetória acadêmica e o depois de ingressar no curso de Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul campus Três Lagoas.

Como resultado, destaco aspectos essenciais da minha educação refletindo sobre minhas funções como discente e a prática dos docentes com os quais tive a oportunidade de conviver no ambiente acadêmico.

Na escrita deste relato, descrevo minha trajetória acadêmica e as mudanças que passei e ainda passarei em minha vida. Como forma de pensar no futuro, tentei usar o passado e o presente. As reflexões que fiz aqui fortaleceram minhas esperanças para o futuro e me impulsionaram a continuar meus estudos, pois sei que concluir uma graduação não é suficiente para ser o tipo de profissional que almejo ser.

Com tudo, este relato segue com um breve resumo das experiências que passei antes de ingressar neste curso, explicando por que escolhi a pedagogia. Acredito que este ponto de partida ajudará os leitores a entender melhor a formação que recebi ao longo do meu percurso acadêmico.

Fui sempre convencida de que a educação escolar é o único meio de garantir uma boa qualidade de vida no futuro, pois só assim poderia obter um bom emprego para poder viver uma vida confortável. Um bom comportamento e uma postura socialmente adequada são necessários para um bom convívio em grupo, e sempre recebi boas notas.

A maior parte de minha educação foi ministrada em instituições públicas. A última escola pública em que estudei por três anos se destacava na cidade em que morava por

ter os melhores índices de aprovação em vestibulares, o que me deu um senso de responsabilidade e competição. Tendo alguns imprevistos no ano seguinte da minha conclusão do ensino médio, não consegui ingressar em alguma faculdade e nem tive apoio familiar nessa etapa. Após um ano sem qualquer contato com estudos, recebi o convite de uma prima próxima para prestar o vestibular junto com ela. Eu com pouca esperança tentei e consegui, e nessa caminhada árdua junto com o apoio de meu esposo, meu maior apoiador e incentivador, na qual me ajuda com os estudos e leituras, que me ajudou a dar grandes saltos em minha vida acadêmica. Esse hábito de leitura me permitiu entrar em contato com outras realidades e mundos, o que me permitiu começar a questionar algumas verdades que acreditava ser certas. Este hábito me ajudou a perceber que sou um indivíduo único, distinto e valioso, pois "[...] quando lemos um livro, provocamos uma mudança em nós mesmos, e que essa mudança, por sua vez, provoca uma mudança no mundo" (Leffa, 1999, p.15).

Assim, tive minha primeira grande mudança em minha vida, foi quando conheci meu esposo. Foi nessa transição me levou a pensar em por que optei por cursar pedagogia em uma Universidade Federal, apesar da incerteza de minha família que eu chegaria até o final. O desejo de trabalhar em algo que me permitisse ajudar os outros, principalmente as crianças, foi mais forte que qualquer obstáculo familiar, pois foi naquela época que o sentimento de pertencer ao mundo me permeou. E assim, durante esses quatro anos, me dediquei com todas as minhas forças, sendo uma mulher que trabalha, que reside em outro município, sem ajuda financeira de familiares, que me dediquei por inteira a este curso, que estou com muito orgulho concluindo. A seguir indicamos os caminhos metodológicos no contexto da residência pedagógica do curso de pedagogia (CPTL/UFMS); para em seguida contextualizo o programa residência pedagógica a partir da minha experiência de caso no qual relato as experiências que geraram atividades e as atividades que geraram experiências, como por exemplo, a visita ao povo Ofaié da aldeia indígena em Brasilândia/MS; a seguir indico alguns dos resultados discutidos a partir das experiências apreendidas para logo apresentar as considerações finais nas quais reafirmo a importância fundamental do programa apresentado.

1 Caminhos metodológicos no contexto da residência pedagógica do curso de pedagogia (CPTL/UFMS)

Nesse item irei indicar de maneira geral, a metodologia que estrutura a realização das atividades no interior do Programa. Para promover uma imersão na cultura Ofaié, realizamos

uma roda de conversa com o cacique Marcelo, professores da escola indígena Silvano de Moraes, Elisângela e José que contaram sobre a história, luta, idioma e cultura de seu povo. Em outro momento, foi realizada uma visita à aldeia Anodi, localizada em Brasilândia-MS junto com estudantes do curso de Pedagogia. Após essa visita, 24 membros da comunidade Ofaié foram recebidos na Escola Municipal Prof. Odeir Antônio de Souza e no câmpus CPTL da UFMS, essas vivências, atividades e reflexões abrangem aspectos como a força de um povo que acredita na preservação da cultura, costumes e tradições.

Nós acadêmicos do sexto semestre de Pedagogia nos dedicamos à estudos sobre a identidade e cultura Ofaié participando de diversas atividades, incluindo discussões sobre a estrutura da escola e a fundamentação teórica sobre os povos indígenas, para a realização da feira de ciências na aldeia. A feira foi organizada por nós acadêmicos do sexto semestre, onde trabalhamos levando experimentos científicos para ser apresentado para toda comunidade da aldeia.

Foi realizado também, o teatro de sombras feito mim, e alunas do sexto e oitavo semestre, com a contação de história dos três porquinhos, com a intenção de levar a literatura infantil de uma maneira didática, potenciadora de uma aprendizagem integrada e vivenciada, que recorre a uma linguagem pluridisciplinar e possibilita o desenvolvimento das capacidades expressivas.

2 Contextualização do Programa Residência Pedagógica: Experiência de caso

O Programa Residência Pedagógica tem como sua finalidade proporcionar aos discentes dos cursos de Licenciaturas o aperfeiçoamento na formação, trazendo a participação na formação de educação básica, a partir da segunda metade dos cursos. Tendo como objetivo fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática de estudantes de cursos de licenciatura; contribuir para a construção da identidade profissional docente dos licenciandos; estabelecer corresponsabilidade entre IES, redes de ensino e escolas formação inicial de professores; valorizar a experiência dos professores da educação básica na preparação dos licenciandos para a sua futura atuação profissional; induzir a pesquisa colaborativa e a produção acadêmica com base nas experiências vivenciadas em sala de aula.

Os projetos institucionais a serem apoiados pela CAPES no âmbito do PRP serão selecionados por meio de editais, os quais estabelecerão os requisitos e os procedimentos atinentes à participação das IES interessadas onde a seleção do residente possui um critério de que o discentes com matrícula ativa em curso de licenciatura que tenham cursado o mínimo de 50% do curso ou que estejam cursando a partir do 5º período.

O projeto institucional deve ser desenvolvido pela IES de maneira articulada com as redes de ensino e com as escolas públicas de educação básica, contemplando diferentes aspectos e dimensões da residência pedagógica. O PRP será desenvolvido em regime de colaboração entre a União, os estados, os municípios e o Distrito Federal e as IES selecionadas, formalizado por meio de Acordo de Cooperação Técnica - ACT firmado entre a CAPES e cada IES participante, bem como pela adesão ao PRP pelas redes de ensino mediante habilitação de suas unidades escolares para participarem como escolas-campo.

De acordo com França Carvalho et al “o residente aprende a docência vivenciando a gestão do cotidiano da sala de aula, planejando e executando atividades como, elaboração de planos de aula, aplicação de sequências didáticas, projetos de ensino e atividades de avaliação da aprendizagem dos alunos. Estas intervenções pedagógicas são planejadas conjuntamente pelo docente orientador do curso de formação, pelo preceptor e outros participantes da escola e o docente orientador que atua como mentor das atividades oportunizando ao professor preceptor e aos residentes momentos de formação para que possam agir dentro do espaço formal, atendendo as necessidades da escola e dos alunos.” (2020, p.12).

Neste contexto, foi realizando o desenvolvimento de atividades pedagógicas para o 2º anos do Ensino Fundamental, envolvendo alfabetização, literária e numérica, de acordo com as necessidades da realidade escolar. Entretanto foi possibilitado a elaboração de planos de aula e ministrar conteúdos e atividades em sala de aula, com acompanhamento do preceptor, nas áreas da alfabetização, reconhecendo que o desenvolvimento integral da criança presumindo a interdependência e a inter-relação dos domínios físico, do socioemocional, do cognitivo e da linguagem. Para Vygotsky (1989), existe uma interdependência entre pensamento e linguagem. Ele afirma que sem a palavra não possui conceito abstrato, pois ela é o signo mediador. Sendo assim, o desenvolvimento do pensamento é definido pela linguagem, ou seja, pelos instrumentos lingüísticos do pensamento e pela experiência sociocultural.

A ligação entre pensamento e palavra é um processo, que passa por transformações, permitindo ser tomada como um desenvolvimento, no sentido funcional. O pensamento passa a existir por meio das palavras, e não é apenas uma ligação por elas, ou seja, “cada pensamento se move, amadurece e se desenvolve, desempenha uma função, soluciona um problema” (Vygotsky, 1989, p.108).

Contudo, é importante desenvolver habilidades e competências relacionadas à compreensão e reconhecimento do papel mediador que a Universidade desempenha junto às Escolas de Educação Básica. Isso pode ser feito através da participação dos estudantes nesse ambiente, vivenciando e compreendendo o funcionamento da escola e sua cultura organizacional. Além disso, é essencial acompanhamento do planejamento pedagógico, observando como é realizada a integração entre a escola, as famílias e a comunidade. Além disso, a perspectiva anterior dos educadores sobre a família restringia-se à pré-escola e o foco é incluir o envolvimento dos pais também na educação dos adolescentes nas primeiras séries (Jackson, 1989) como uma maneira de evitar a indisciplina escolar e a marginalidade juvenil.

O "fortalecimento" dos pais é visto pelos educadores progressistas como uma maneira de incentivar os pais a participar da educação pública, tanto na gestão escolar quanto nas escolhas curriculares (Fine, 1993; Henderson, Berla, 1994). Enfim, uma relação produtiva entre a escola e a família deve resultar em benefícios para a família (coesão, "empoderamento"), para a escola (eficácia), para os estudantes (o sucesso de todos) e para a sociedade (a construção democrática a partir da base e do cotidiano).

A educação é um "direito de todos e dever do Estado e da família", de acordo com o Artigo 205 da Constituição Federal do Brasil (Brasil, 2013a). Embora o texto não aborde diretamente a relação entre família e escola, ele enfatiza a educação como uma responsabilidade compartilhada do Estado e das famílias. Isso faz algum tipo de referência a essa relação. A escola pública é o principal meio pelo qual o Estado pode cumprir sua responsabilidade pela educação em nossa sociedade. Essa responsabilidade cria uma relação baseada na família e na escola.

Entendemos que a aquisição de saberes por parte dos indivíduos é um processo contínuo que tem início desde os primeiros anos de vida e que tem grande impacto na formação da personalidade. A família é o primeiro ambiente social que a criança vivencia, seguido pela escola, portanto é fundamental que ambas instituições cultivem uma relação de proximidade e confiança, elementos essenciais para o desenvolvimento educacional e emocional do aluno.

No art.2 da LDB, diz que, a educação é um "dever da família e do Estado", (Brasil, 2013b). Como afirma Saviani (1997), a mudança na ordem dos termos "Estado" e "família" em relação ao texto constitucional pode ser relacionada ao debate que ocorreu durante o processo da LDB entre aqueles que defendem a educação pública em comparação com a privada. Naquele caso, a Igreja Católica "afirmava a precedência da

família em matéria de educação, situando o Estado em posição subsidiária (202) O autor também observa que teóricos do neoliberalismo também apoiam essa precedência da família.

De acordo com o art.12 da LDB, cabe a escola “informar pai e mãe, conviventes ou não com seus filhos, e, se for o caso, os responsáveis legais, sobre a frequência e rendimento dos alunos, bem como sobre a execução da proposta pedagógica da escola” (Inciso VII, redação dada pela Lei no 12.013/2009) (Brasil, 2013b). Trata-se de regulamentar uma relação família-escola que vai além da matrícula e da garantia de frequência. Isso corresponde ao segundo nível abordado neste estudo – a recepção de informações pelas famílias – que constitui um direito dos pais ou responsáveis, conforme o Art. 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Assim, essa aparente distinção mínima entre os textos legais mostra as facetas políticas e ideológicas da relação família-escola. A tensão surge frequentemente na dinâmica das políticas educacionais e nas interações entre famílias e escolas quando a divisão das responsabilidades e prerrogativas educacionais entre o Estado e as famílias é uma fonte de conflito na legislação. Manifesta-se em várias formas, como as discussões sobre como o Estado atua na educação infantil, as estratégias para implementar escolas de tempo integral ou mesmo as discussões sobre os deveres de casa. A família tem uma grande contribuição para o desenvolvimento humano e o aprendizado humano, embora seja apontada como uma das causas do fracasso escolar dos alunos (Carvalho, 2000).

Pedro Silva (2003, p.163) aponta que a interação entre família e escola se divide em duas vertentes – a escola e o lar – além de duas dimensões de atuação, que são a individual e a coletiva. A primeira vertente, chamada "escola", abrange todas as atividades que os pais realizam na instituição de ensino, como reuniões, conversas, participação em eventos e em organizações de gestão, entre outras. De acordo com o autor, essa é a parte mais evidente da relação entre família e escola, frequentemente restrita a essas atividades. Contudo, Silva ressalta que essa interação também inclui todas as ações realizadas em casa pelo aluno e/ou por seus responsáveis que estão ligadas à escola, o que seria caracterizado como a vertente "lar": a realização e o acompanhamento das tarefas de casa, bem como os apoios e incentivos de diferentes naturezas, entre outros.

Um de seus principais objetivos é ajudar as crianças a se socializar e se integrar no mundo cultural, ensinando-lhes a língua materna, os símbolos e as regras de convivência em grupo, incluindo educação geral e formal, em conjunto com a escola

2.1 Experiências que geram atividades

De acordo com Freire (1996, p. 43), "na formação contínua dos educadores, o aspecto essencial é a reflexão crítica sobre a prática. É ao analisar criticamente as experiências de hoje ou de ontem que se consegue aprimorar as futuras práticas." Portanto, é imprescindível que os professores deixem de lado o conforto de uma abordagem fixa e se dediquem a (re)planejar suas atividades em sala de aula, visando atender de forma mais eficiente às necessidades de seus alunos. Nesse sentido, o autor destaca que o professor deve estar aberto a renovações e adaptações em suas metodologias de ensino, pois os processos de ensino e aprendizagem necessitam dessas atualizações. No contexto da sala de aula, é fundamental que o professor se dedique a avaliar o desempenho da turma de forma crítica, permitindo a revisão do conteúdo abordado. Isso envolve também buscar o feedback dos alunos sobre as dificuldades enfrentadas na aprendizagem e sobre os assuntos que mais impactaram sua compreensão.

A didática se refere à forma ou ao método pelo qual o conhecimento é transmitido pelo professor. Assim, quando o currículo é bem estruturado, o docente recorre a diversos recursos e organiza os conteúdos de maneira clara, envolvendo ativamente os alunos nesse processo, o aprendizado se torna significativo. "A didática deve estar alinhada às finalidades do ensino, oferecendo suporte aos instrumentos e atividades" (Farias, 2019, p. 1). Nesse contexto, a prática pedagógica, com seu referencial teórico, proporciona ao professor uma formação dos saberes a serem trabalhados nas atividades escolares e uma reflexão sobre o ambiente escolar e a realidade social que varia bastante em função das desigualdades sociais e econômicas.

Diante do exposto, abaixo, indico os caminhos percorridos para aplicação de uma atividade específica no contexto da minha experiência na residência pedagógica, em que consistia em intervenções pedagógicas, auxílio individual, sondagens, aulas ministradas com auxílio e intervenção da preceptora.



Desenvolvimento

Foram realizadas reuniões junto com o grupo e a professora preceptora para a elaboração de planejamentos e atividades para ser realizada em sala e a rotina desenvolvida. Foram feitas reuniões com os residentes e professor regente da sala, para a elaboração de planejamento e materiais utilizados em sala.

Chamada: Verificação da frequência dos alunos. Contextualizando quantos somos presentes; quantidade de meninos e meninas na turma; quantas crianças faltaram, oportunizando aos alunos a contagem por eles mesmos, ora utilizando crachás, uso de parlendas ou canções que trabalham o nome, ora promovendo a autonomia da turma na personalização da chamada do dia. Onde promove um aprendizado coletivo de maneira mais participativa dos alunos e fora do tradicionalismos.

Leitura deleite: Possibilitando aos estudantes o contato com diversos textos. No caso dos livros, explorando capa, contra capa, autores e ilustradores. Neste planejamento em questão foram realizadas leituras das fábulas pela turma elencadas e impressas pela professora posteriormente para leituras deleite. Onde foi explorado diversos gêneros textuais, convite, cartão postal, carta que foi feita pela professora da biblioteca e entregue para sala. E foi feita a leitura pela professora, para sala.

Leitura do alfabeto: Realizar a leitura de diversas formas, em sequência, com alternância de letras, com músicas, com associações, explorando o contato visual dos seus formatos/grafia, nomes e sons, dinamizando (exemplo: durante a leitura bater palmas quando falar uma vogal; ou meninas falam nas vogais e meninos nas consoantes, utilizando palavras do cotidiano do estudante nas explorações das iniciais por exemplo.). Onde a professora mostra aleatoriamente as letras e os alunos dizem o nome e o som dessa letra.

Leitura dos números: Usando também a chamada, contar coletivamente quantas crianças estão presentes e explorar quadro numérico exposto em sala. Sendo realizado o registro na lousa e realizando operações de subtração as crianças quando a algum aluno ausente.

Calendário: Explorar os dias (ontem, hoje e amanhã) em algarismos e os sete dias da semana, mês e ano. Usado o calendário tradicional, com feriados nacionais, e quando possui algum feriado municipal perto do dia presente, é feito um círculo em vermelho e brevemente feito uma explicação sobre o tal.

Oralidade: Breve momento de troca de caráter interacional e introdutório. Considera-se que, no início do seu processo de alfabetização, a criança não tem domínio da fala coerente, e os erros, como trocas de consoantes (r e l), são comuns; no entanto, o auxílio da literatura lúdica a leva a fantasiar, prendendo sua atenção (LURIA, 1991). Assim, a literatura agrega muito para o desenvolvimento oral da criança, ou seja, nota-se que desde os primeiros meses de vida ela está exposta a textos, os quais vai interpretando, usando-os de maneira coerente à sua necessidade, além de querer participar no processo quando questiona, comenta ou cria novas perspectivas (REIS; KYRIACOU, 2002)

Projeto Maleta Literária: cada criança leva uma maleta confeccionada pela professora com uma ficha, onde possui nome do livro que tem que ser anotado pela criança, autor do livro, breve descrição do entendimento do livro escolhido. E no dia seguinte à o compartilhamento pelo aluno para a classe da experiência do dia anterior junto a família em momento de leitura.

Práticas de alfabetização com Letramento inicial: Leitura dos textos expostos na sala, leitura das fichas de leitura enviadas no dia anterior, propostas de escrita dos títulos dos livros, poemas ou diversos gêneros textuais apresentados, ora individual, ora em dupla.

As práticas iniciais de alfabetização, foi sempre explorando letramento, oralmente e no quadro a consciência fonológica de palavras que estiveram presentes no texto que conduziram o planejamento, focando em palavras de sílabas complexas, quantidades de sílabas, sílabas inicial, medial e final, última palavra lida pela professora, espaçamento entre as palavras de uma frase do texto, dentre outras abordagens. Juntos elaboramos um diário pessoal para cada criança, onde tivemos o objetivo de trabalhar a questões socioemocionais e protagonismo, na quais eles escreviam pensamentos, sentimentos e seu dia-dia e liam para turma.



Vygotsky *apud* Silva; Cardoso e anjos, (2015), afirmam que:

A linguagem expressa o pensamento da criança e organiza seus pensamentos na medida em que ela dialoga, conversa, interage com outras pessoas, membros maduros adultos, ela aprende a utilizar a linguagem como instrumento e meio de comunicação, quando isso acontece, pensamento e linguagem se associam, a partir deste ponto o pensamento torna-se verbal e a fala racional. A linguagem exerce um papel muito importante no processo de desenvolvimento do indivíduo uma vez que quando ele começa a se comunicar tudo muda, ele adquire novas maneiras de pensar, agir e se organizar (p. 85).

Com isso, os professores reconhecem que a linguagem segundo Vygotsky, estrutura o pensamento e o desenvolvimento das crianças e portanto, os profissionais da educação devem concentrar-se nos elementos linguísticos, na tarefa associadas a pratica linguística eficaz, à pratica comunicativa e interativa e ao que as crianças podem fazer deve ser baseada na pratica pedagógica.

Os docentes devem colaborar com os alunos de forma a permitir-lhe aprender de forma autônoma e crítica e participar no processo de trabalho do professor.

A educação que propõe a problematização tem como objetivo incentivar tanto alunos quanto professores a desenvolver uma consciência crítica acerca da realidade, além de uma atitude ativa durante o processo de ensino-aprendizagem, evitando assim a negação ou a desvalorização do mundo que os afeta. Dessa maneira, a educação é vista como um ato político, e as interações entre alunos e professores devem se fundamentar em relações de respeito mútuo entre indivíduos e cidadãos, visando a construção de um conhecimento crítico que promova a autonomia. Com isso, Paulo Freire defende que “Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém” (p.67), dessa forma a autonomia ocorre

de um esforço pessoal que promove o próprio desenvolvimento e se forma nas interações entre indivíduos; é somente por meio dessas relações que ela se estabelece de forma sólida."

No entanto, o ambiente físico e o contexto sociocultural determinam como essas tendências se manifestam.

A educação deve contribuir para o desenvolvimento global e harmonioso à luz dos valores sociais, inspirando a educação em direção à verdade, à justiça, ao respeito e à solidariedade. A formação e as concepções educacionais de Paulo Freire se alinham com esse objetivo da instituição. Ele acredita que a educação real como o caminho a seguir para a paz e a justiça. Assim, Freire explica que a "pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade, à própria autonomia do educando" deve ser a base para o sistema educacional (Freire, 2010, p. 16.).

De acordo com Freire, o professor deve praticar a prática docente para os alunos têm a liberdade de aprender por conta própria. Em todas as realidades educacionais, a educação deve tentar despertar a curiosidade dos alunos principalmente por meio de pesquisas que promovem a troca de informações. No processo de ensino/aprendizagem as atividades lúdicas interagem com o conteúdo para serem trabalhando rapidamente. Na troca de informações entre o instrutor e os alunos/educandos, constroem e reconstroem seus conhecimentos ao construir sua independente. Assim, "[...] nas condições de verdadeira aprendizagem", Freire (2010) afirma que "os educandos vão se transformar em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado em conjunto com o educador e como sujeito da estratégia (p. 26). Nas obras de Paulo Freire, são apresentadas as vivências que teve tanto no Brasil quanto fora dele, expressando suas inquietações sobre a formação de um indivíduo crítico. Isso é especialmente evidente em sua obra "Conscientização", na qual ele explora seu conceito de cultura. Para ele "a cultura é todo o resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, de seu trabalho por transformar e estabelecer relações de diálogo com os outros homens" (FREIRE, 1980, p.38). Nesse cenário, fica claro que o autor vê como essencial levar em conta as ações que os indivíduos desenvolvem em seus ambientes de trabalho como agentes de transformação de sua própria cultura. Ele acrescenta ainda que "a cultura é também aquisição crítica e criadora e não uma justaposição de informações armazenadas na inteligência e ou na memória e não 'incorporadas' no ser total e na vida plena do homem" (FREIRE, 1980, p. 38).

2.2. Atividades que geram experiências: visita ao povo Ofaié da aldeia indígena em Brasilândia/MS

A ação extensionista fez parte do Programa Residência Pedagógica, teve como principal objetivo proporcionar aos acadêmicos do 5º e 7º semestres do curso de Pedagogia aprofundamento significativo nos saberes docentes, vinculando-os ao exercício da docência em situações reais.

No Estado de Mato Grosso do Sul ainda resistem várias etnias dos povos originários: “São mais de 35 mil pessoas vivendo em diversos pontos do Estado e pertencentes aos povos Terena, Kinikinau, Guarani Kaiowá, Guarani Nhandeva, Guató, Kamba e Ofaié” (Dutra, 1991, p.6) A ação trouxe a conscientização sobre a identidade e cultura Ofaié. Até o começo do século XX, os Ofaié eram numerosos e ocupavam a margem direita do rio Paraná, estendendo-se da foz do Sucuriú até as fontes do Vacaria e Ivinhema.

Vivendo em pequenos grupos, eles se deslocavam frequentemente por essa área. Seu território foi invadido por fazendas de criação de gado e, somente na década de 1990 conseguiram uma pequena parte do seu espaço, “estabelecendo no convênio a implantação de infra-estrutura para habitação, saúde e educação, bem como assistência técnica, por um período de cinco anos, em atividades de enriquecimento florestal, piscicultura, agricultura, pecuária e apicultura, visando à auto-sustentação do grupo” (Borgonha, 2006, p.66).

Durante o desenvolvimento do projeto de extensão foi possível realizar atividades colaborativas e a implementação de projetos com turmas de alfabetização, promovendo uma abordagem prática e com princípios éticos. O ponto principal que facultou desencadear as ações foi o conhecimento sobre a história e cultura da comunidade indígena Ofaié que fica localizada no município de Brasilândia-MS.

A parceria com as disciplinas de Estágio Obrigatório, o Programa Residência Pedagógica e uma escola da rede municipal de Três Lagoas foi efetivada durante o segundo semestre do 2023, período em que, além do aprofundamento teórico acerca da comunidade indígena Ofaié, foi realizada roda de conversa com cacique da aldeia e professores da escola indígena Anodi, inclusive um deles falante da língua Ofaié. A ocasião foi marcada por um regaste histórico da ação onde relembrado e apresentado, por meio de imagens e fotos, as ações que vêm sendo realizadas naquela comunidade há alguns anos.

Os desafios vividos pelos Ofaié ao longo dos tempos demonstra que é importante um trabalho de valorização e respeito pela cultura Ofaié. Destaca-se, dentre as ações desenvolvidas, o desenvolvimento de uma Feira de Ciências na aldeia, ocasião em que os

acadêmicos, professores e alunos da escola parceira foram recebidos com danças e apresentações da cultura local. Após a feira de ciência houve momentos de diálogo e interação entre indígenas e não indígenas. Em outro momento, em novembro de 2023, a escola da rede municipal em que o PRP estava em desenvolvimento, recebeu membros da comunidade indígena – adultos e crianças -, favorecendo uma rica troca de experiência. Pode-se concluir que o projeto atingiu os objetivos e superou as expectativas, conforme relato dos participantes. Tal prática coaduna com os princípios de uma educação de qualidade, democrática e inclusiva.



3 RESULTADOS E DISCUSSÃO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS APREENDIDAS

A chegada na aldeia foi calorosa, sendo realizadas apresentações culturais pelos estudantes da Escola Municipal Ofaié Iniecheki. Os professores da aldeia, Silvano, Elisângela e José, foram fundamentais na condução das atividades, auxiliando tanto as crianças quanto os adolescentes da escola. Os acadêmicos de pedagogia efetuaram uma rica troca de conhecimento por meio da feira de ciências onde foi feito experimentos científicos, contação de história por meio de teatro de sombras.

Num outro momento, realizamos uma roda de conversa que contou com atividades culturais, como pintura corporal, além de discussões sobre a produção e venda de artesanato e a degustação do mel produzido na aldeia. Encerramos a visita com as crianças ensinando aos acadêmicos e professores sobre a prática de arco e flecha, momento de alegria e aprendizado sobre a cultura indígena. Essas interações estreitaram os laços entre a instituição e a comunidade Ofaié, permitindo que a identidade cultural fosse compartilhada como relato de resistência e luta, trazendo uma reflexão coletiva sobre uma sociedade que valoriza e preserva a identidade cultural de todos os povos.

Ao praticar a ação dialógica proposta por Freire, temos, como herdeiros da cultura ocidental, a responsabilidade de promover uma interculturalidade crítica nas interações com as culturas dos povos originários. Precisamos escutá-los de forma atenta, aprender com suas

experiências e colaborar, dentro de nossas habilidades, na luta contra as estruturas de opressão que visam à libertação e à humanização dos marginalizados. Para isso, é essencial reconhecer o seu saber, que muitas vezes é desconsiderado pela ciência moderna, um saber que está profundamente enraizado em seu jeito de existir e se relacionar com o mundo.

É fundamental entender a trajetória histórica da educação indígena no Brasil, tendo em vista que os indígenas eram considerados primitivos e sem capacidade, necessitando da proteção do Estado, sem que sua cultura e particularidades fossem devidamente respeitadas. Contudo, com a Constituição de 1988, surgiu uma nova perspectiva em relação à questão indígena, com a garantia e implementação de seus direitos. Portanto, é imprescindível refletir sobre a elaboração de práticas pedagógicas que incentivem a valorização e libertação das culturas desses povos, reforçando assim as identidades dos alunos indígenas.

De acordo com Freire (2004, p. 34) a educação voltada para os povos nativos deve se dedicar a entender a essência de sua cultura, explorando a história, a memória oral, a linguagem e outros aspectos. Para ele, a linguística desempenha um papel fundamental na revelação de novas abordagens pedagógicas, em especial aquelas de caráter decolonial, que se fundamentam na forma de ser das diversas comunidades que integram os grupos indígenas. (2004, p. 34).

Por meio de rodas de discussão, palestras e atividades de imersão, entre a escola, comunidade indígena e universidade, foi possível compreender as dinâmicas e os desafios do ambiente educacional, ressaltando a importância da participação ativa de todos os membros da comunidade escolar. O projeto também incentivou a gestão democrática e a educação inclusiva, com diversas atividades práticas e inovadoras.

Hoje, a afirmação da identidade, da cultura e a educação escolar indígena são direitos assegurados na Constituição de 1988, assim como a participação em diferentes espaços da sociedade brasileira. Diante disso, fica evidente a responsabilidade e o compromisso da escola e dos docentes na elaboração e execução de propostas curriculares numa perspectiva de educação intercultural, que privilegiem as especificidades culturais, a identidade étnica, mas não só, também provoquem reflexões a respeito das gerações e de gênero, por exemplo, ou seja, diferentes subjetividades silenciadas que apontam outras reflexões, visando uma educação escolar indígena mais inclusiva.

CONSIDERAÇÃO FINAIS

A conclusão do curso, foi acompanhada de muita ansiedade pois era hora de realizar mais um sonho. O sonho que me levou a abandonar tantos outros. Foram muitas noites mal dormidas, momentos de desesperos onde pensei que não conseguiria. No entanto, a reflexão que fiz nesse relato me permitiu ver claramente o quanto todas as experiências foram valiosas, apesar das dificuldades. Atualmente estou passando por uma nova fase de minha vida. A transição tão aguardada, na qual trarei comigo a esperança de um renascimento pessoal, pois não sou mais a mesma pessoa que escreveu os primeiros parágrafos e tampouco serei a mesma pessoa ao escrever as últimas linhas.

Com tudo, pude apreciar os benefícios da minha formação, pois agora entendo o valor de ser uma aluna comprometida, dedicada e disposta. Ao redigir as páginas deste trabalho, senti-me confiante em relatar eventos e expor de maneira crítica, com base e posicionamento adequados. Portanto, como destaca Freire (1996), agora penso que sou um indivíduo que pensa por si mesmo, tem suas opiniões e não é sujeito à autonomia de ninguém.

Além disso, entendi a importância dos estudos que fiz durante minha formação. Ao contrário do que dizem outros profissionais da área, minha formação acadêmica me forneceu uma base sólida para o trabalho como professora, pois concordo com a ideia de que "os professores precisam ser formados como profissionais reflexivos, a partir de uma prática investigativa e de uma reflexão na ação e sobre a ação". (Schon, 2000, p. 61). Além disso, quero enfatizar que a conduta dos professores só terá significado na conexão entre teoria e aplicação da prática. Como resultado, todos os educadores devem assumir uma postura ou tendência teórica que norteará sua atuação como educador. É através dos conceitos de homem, educação e sociedade que os objetivos da educação serão formulados para afim da educação.

Concluimos que o Programa Residência Pedagógica do curso de licenciatura Pedagogia da UFMS-CPTL que foi realizada na Escola Municipal Joaquim Marques de Souza, estabelecemos resultados positivos e objetivos alcançados. Em parceria com a preceptora e professora orientadora que se comprometeram com o processo, na qual tivemos estudos teóricos, planejamentos práticas e ações. Trazendo também o grande prazer em conhecer e estudar sobre povos originários de nossa região. É essencial lembrar a trajetória dos primeiros habitantes do Brasil, que desempenharam um papel significativo na formação da cultura atual do país. O conhecimento e as tradições desses

povos são fundamentais para a construção da sociedade brasileira, e o contato com eles pode propiciar a recuperação do saber que possuem. Levar a cultura indígena na Educação Básica é uma ótima maneira de apresentar às crianças a diversidade cultural e incentivar o respeito pela pluralidade étnica desde os primeiros anos. A escola pode desenvolver atividades artísticas com base na arte dos povos indígenas.

Vale ressaltar a importância do Programa Residência Pedagógica na formação do discente na licenciatura, onde tiveram a oportunidade de vivenciar práticas significativas dentro do contexto escolar, aperfeiçoando e valorizando sua formação acadêmica. Contudo, o programa proporcionou aos acadêmicos terem seus primeiros contatos com as escolas e seus professores no processo de aprendizagem da docência. Também ressaltando a importância de ter acompanhado o grupo de estudo EduForP, onde promoveu a troca de conhecimentos com textos de apoio, motivação nas atividades acadêmicas e ajuda a esclarecer dúvidas em um âmbito coletivo.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Programa Residência Pedagógica**. Publicado em 01/03/2018, Atualizado em 21/06/2024. Brasília 2018. Disponível: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programas-encerrados/programa-residencia-pedagogica>

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/ep/a/fZLqw3P4fcfZNKzjNHnF3mJ/> Acessado em: 17 de out de 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SILVA, Jéssica Rodriguês et al. **Desenvolvimento humano nas perspectivas de piaget e vygotsky**. Educere - Revista da Educação, Umuarama, v. 15, n. 1, p. 73-90, jan./jun. 2015. Acessado em 23/02/2024. Link: <https://revistas.unipar.br/index.php/educere/article/view/5610/3191>

VYGOTSKY, L. S. (1989). **Pensamento e linguagem** São Paulo: Martins fontes.

RESENDE, Tania Freitas et al. **A relação entre família-escola na legislação educacional brasileira**. Ensaio: aval. pol. públ. educ. 24 (90) • Jan-Feb 2016 (1988-

2014), Disponível: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362016000100002> acesso: 20/06/2024

CRUZ, Graciele de Souza Lima et al. **A importância da literatura infantil para a aquisição da linguagem.**

Acessado: 03/08/2024 Disponível:
<https://revista.unina.edu.br/index.php/cau/article/download/166/117/493#:~:text=Assim%2C%20a%20literatura%20agrega%20muito,questiona%2C%20comenta%20ou%20cria%20novas>

CARNEIRO, Arlys Jerônimo de Oliveira Lima. **A importância das práticas pedagógicas no contexto escolar: dinamizando o ‘fazer pedagógico’ através da prática na educação básica.** Publicado: 29/09/2022. Acessado em 03/08/2024 link: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/34789/29506/390457>

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho.** Porto Alegre: ArtMed, 1998.

CASTRO, Dannyel. “et al.” **DESCOLONIZAÇÃO DO SABER: PAULO FREIRE E O PENSAMENTO INDÍGENA BRASILEIRO.** Educ. Real. 47 .2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-6236116268vs01>. Acesso em: 20 de ago. de 2024.

KILOMBA, Grada. **MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO: EPISÓDIOS DE RACISMO COTIDIANO,** Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

VEDOVATO, Victoria. **INTERSECCIONALIDADE E VIVÊNCIAS ACADÊMICAS: REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE MULHERES NEGRAS NA USP. PPGAS/USP.** São Paulo, SP, Brasil 2024. Acessado em 20/09/2024. Disponível: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9728>

COLLINS, Patricia Hill. BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2020. Acessado: 20/09/2024. Disponível: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.ser.puc-rio.br/2_COLLINS.pdf

SILVA, P. *Escola-Família, uma relação armadilhada: interculturalidade e relações de poder.* Porto: Afrontamento, 2003. Acessado: 20/09/2024. Disponível: <https://interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/148/152>